

A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em educação

3

*The materialist dialectics of Paulo Freire as
a method of research in education*

Ricardo Gauterio Cruz^{*}
Rossane Vinhas Bigliardi^{**}
Luis Fernando Minasi^{***}

Resumo: O objetivo do presente artigo é abordar alguns aspectos da obra teórica de Paulo Freire, para trazer à luz a base metodológica sobre a qual o autor ergueu seu pensamento, e sobre a qual nos é possível apontar para um fazer pesquisa enquanto prática libertadora e emancipatória no campo da Educação. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica, tendo como objeto central de análise as obras *Pedagogia do oprimido e Pedagogia da autonomia*, ambas de Paulo Freire, analisadas à luz das categorias do materialismo dialético. O texto parte da caracterização do materialismo dialético enquanto compreensão de mundo em Freire. Analisamos traços característicos de tal sistema filosófico – indicando a congruência entre o entendimento de Freire e os fundamentos e as leis de tal abordagem teórica – e culmina por indicar o Diálogo como princípio orientador não apenas da Educação libertadora de Paulo Freire, mas de seu método de compreensão da realidade material. Neste sentido, o pesquisador, comprometido com a produção de saberes, também comprometidos com a emancipação humana, de saberes para a classe trabalhadora, será o pesquisador que, em seu fazer se move por princípios dialógicos. O fazer pesquisa, enquanto prática emancipatória, é um fazer dialógico desde a identificação do fenômeno de pesquisa, da enunciação do problema, dos objetivos, tendo seu ápice dialógico na interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, o que irá conduzir a encaminhamentos necessariamente comprometidos com o agir consciente do homem sobre o mundo e com o mundo.

^{*} Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL). Doutorando em Educação Ambiental (PPGEA/Furg). E-mail: ricardo.gauterio@gmail.com

^{**} Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL). Doutora em Educação Ambiental (PPGEA/Furg).

^{***} Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Doutor em Educação – PPGE/UFRGS.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa. Educação. Paulo Freire. Materialismo Dialético. Prática Social. Pedagogia do oprimido.

Resumen: El propósito de este artículo es discutir algunos aspectos del trabajo teórico de Paulo Freire, para traer a la luz la base metodológica por medio de la cual lo autor levantó su pensamiento, y sobre la que es posible señalar una práctica liberadora mientras se hace la investigación y emancipadora en el campo de la Educación. Se utilizó la metodología de búsqueda en la literatura, y el objeto central del análisis fue la Pedagogía del Oprimido y la Pedagogía de la Autonomía, de Paulo Freire, cuya análisis se hizo a la luz de las categorías del materialismo dialéctico. El trabajo parte de la caracterización del materialismo dialéctico como la comprensión del mundo en Freire, de las características de este sistema filosófico – que indica congruencia entre la comprensión de Freire y los fundamentos y leyes de este sistema filosófico – y terminamos indicando el diálogo como principio no sólo de la Educación liberadora de Paulo Freire, pero también de su método de comprensión de la realidad material. En este sentido, en la producción de conocimiento comprometido con la emancipación humana, de producir conocimientos para la clase obrera, el buscador tendrá que hacerlo por medio de principios dialógicos. Hacer la investigación como una práctica emancipadora y dialógica es hacer diálogo desde la identificación del fenómeno de la investigación, pasando por el enunciado del problema y objetivos, teniendo su vértice en la interacción dialógica entre el investigador y los sujetos de la investigación, lo que lleva por necesario el comprometimiento con el acto consciente del hombre sobre el mundo y con el mundo.

Palabras clave: Metodología de la Investigación. Educación. Paulo Freire. Materialismo dialéctico. Práctica Social. Pedagogía del Oprimido.

Introdução

Quando se pesquisam as palavras-chave “Paulo Freire” e “método”, qualquer que seja a base de dados, é comum que tenhamos por resultado um vasto rol de trabalhos que versam sobre a metodologia de alfabetização de adultos desenvolvida por Freire, comumente chamada, também, de Método Paulo Freire. São raros, entretanto, os trabalhos que buscam conhecer os fundamentos metodológicos que permeiam a obra freireana, ou seja, o método de pesquisa utilizado por Paulo Freire.

O objetivo do presente ensaio é justamente abordar alguns aspectos da obra de Paulo Freire, em especial *Pedagogia do oprimido* e *Pedagogia da autonomia*, para trazer à luz a base metodológica sobre a qual Freire erguia seu pensamento, e sobre a qual nos é possível apontar para um fazer pesquisa enquanto prática libertadora e emancipatória no campo da educação.

Dividimos nosso texto em duas partes – excetuando esta breve introdução. Na primeira parte, intitulada *Materialismo dialético enquanto compreensão de mundo em Freire*, analisamos alguns trechos do autor, buscando neles encontrar os traços característicos do Materialismo Dialético – enquanto sistema filosófico –, indicando a congruência entre o entendimento de Freire e os fundamentos e as leis de tal abordagem teórica.

A segunda parte, que intitulamos *Materialismo dialético enquanto método de pesquisa em Freire*, trazemos a lume o *Diálogo*, apresentado em *Pedagogia do oprimido*, como princípio orientador de todo o pesquisador que se quer libertador, verdadeiramente emancipatório, comprometido com a mudança, com o *vir-a-ser* humano. O diálogo, que naquela ocasião Freire apontou como princípio da educação libertadora, trazemos agora como princípio fundamental, não apenas da pesquisa, mas do fazer humano *para si*, do fazer humano genuinamente em prol da classe oprimida.

Materialismo dialético enquanto compreensão de mundo em Freire

Como únicos seres capazes de ter a si e a sua atividade como objeto do conhecimento, por ser capaz de elaborar abstratamente os resultados de sua ação, o homem é capaz de antever o resultado desta ação, vislumbrando, no mundo das ideias, que efeito quer produzir no mundo material. A atividade do homem, portanto, não se desenvolve com base, puramente, em seus instintos; não é determinada diretamente por sua espécie, como acontece com os demais seres, mas ao contrário, é determinada em sua própria consciência.

A compreensão de Paulo Freire sobre o agir dos animais, como prática instintiva e determinada pelo movimento “natural” da matéria, está clara em sua definição de *ser fechado em si*. Nos diz o autor que, diferentemente dos seres dotados de consciência, os animais têm como ponto de decisão a sua própria espécie, ou seja, não pode assumir a vida como tarefa

histórica, não pode construí-la de forma planejada; restringe-se a, determinado pelos traços de sua espécie, responder instintivamente aos estímulos que o mundo lhe fornece.

Por não ser dotado de consciência, diferentemente do homem, o animal é, na ótica de Freire e do Materialismo Dialético, incapaz de objetivar-se no mundo, de dar sentido ao seu passado, de forma a agir no presente e projetar no seu futuro o resultado desta ação. Justamente por “não ter um amanhã nem um hoje, por viver num presente esmagador, o animal é a-histórico”. (FREIRE, 2005, p. 103). Já o homem, ser histórico, *ser para si*, assume “uma postura decisória frente ao mundo, do qual o ser se ‘separa’, e, objetivando-o, o transforma com sua ação”. (FREIRE, 2005, p. 105).

Isto se dá porque a matéria organizada em forma de ser humano tem uma propriedade única, que o difere de todos os outros seres: o cérebro humano; este, enquanto matéria altamente organizada, tem a capacidade de refletir, através dos sentidos, o mundo concreto, e de organizar tais reflexos de forma criativa. A consciência, assim, propriedade exclusiva do cérebro humano, torna o homem histórico e o difere do restante da natureza.

O objeto do saber, portanto, não pode ser o mundo abstrato, o mundo que existe apenas nas ideias, mas ao contrário, o mundo concreto, as situações reais, enfim, o mundo material. E igualmente não pode ser o mundo de mera natureza, o mundo que pouco ou nada se relaciona à práxis humana, mas ao contrário, precisa ser um saber socialmente útil, um saber para mundo social e histórico, que supra necessidades da vida humana social.

Este aspecto marcadamente presente na obra de Freire encerra-se na categoria dialética da *prática social*. A prática social, para o Materialismo Dialético, não é apenas uma categoria histórica, como também o critério de verdade de todo conhecimento, e o fenômeno material que possibilitou a evolução do ser humano do estágio de ser meramente biológico para o estágio de ser racional.

Os grupos humanos primitivos, como apontado por Engels (2004), tiveram na prática social – no trabalho – a chave do desenvolvimento da consciência e da linguagem, desenvolvendo, através desta prática, as condições adequadas para se distinguir do restante da natureza. A prática social é, portanto, a manifestação geral da atividade humana, em que os indivíduos aplicam todos os meios – materiais e espirituais – de que

dispõem, enquanto forças produtivas, enquanto meio de transformação da natureza, de forma a organizar objetivamente as condições necessárias à manutenção da vida biológica e social.

A prática social produz, assim, as relações do mundo do trabalho e do mundo da cultura, produzindo as relações metabólicas da sociedade, que, em seu atual estágio de desenvolvimento, denomina-se de *Modo de Produção Capitalista*. A luta de classes, enquanto luta de contrários, que imprime o movimento interno do Modo de Produção Capitalista, materializa-se na prática social dos indivíduos que compõem tanto a burguesia quanto o proletariado.

Ao passo que a prática social imprime o movimento evolutivo da sociedade enquanto fenômeno geral, ela é, também, o critério de verdade do conhecimento sobre a realidade objetiva, ou seja, é a prática social que nos permite determinar a validade do conhecimento, como reflexo da realidade concreta. Será na prática social que o conhecimento sobre a realidade poderá ser inferido como verdadeiro; na produção do mundo e da vida social, os sujeitos poderão comprovar a força e a materialidade do seu pensamento. (MARX; ENGELS, 1993).

Isso implica dizer que a compreensão da realidade não corresponde à identidade perante os fenômenos realmente existentes, ou seja, significa que existe um fenômeno material que ocorre no mundo concreto, de acordo com as leis da dialética e, independentemente do conhecimento que dele se tenha, e que o conhecimento que se tem deste fenômeno – desta prática – é o reflexo da realidade na consciência dos indivíduos. Para o Materialismo Dialético, portanto, o conhecimento não guarda identidade com o seu objeto, mas, sendo deste um reflexo, será sempre uma compreensão aproximada da totalidade de relações que o compõem.

O nível de aproximação entre o concreto e o reflexo deste concreto na consciência será determinado pela capacidade cognitiva do sujeito que pretende conhecer. Esta capacidade é dada, de modo geral, pelo nível de desenvolvimento da consciência do sujeito e, em particular, no Modo de Produção Capitalista, pela ação ideológica das classes sobre esta consciência.

De tal modo, torna-se necessário problematizar o que aparece na obra de Freire como sendo seu ponto central: conhecer o mundo de forma que seja possível agir sobre ele, transcendendo as situações-limite que se impõem ao ser humano, como entraves à realização do seu vir-a-ser-mais, à realização de suas potencialidades, subvertendo, portanto, a

lógica opressora de uma classe hegemônica que impede uma classe oprimida e majoritária de ser-mais.

Neste sentido é que Freire coloca: é preciso possibilitar que, “voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” ou seja, “na formação permanente dos sujeitos, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (1996, p. 39).

Daí afirma Freire que “a reflexão crítica sobre a prática se torna exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática ativismo” (1996, p. 22), pois a prática autêntica não é outra que não aquela que age sobre o mundo, embasada em certo nível de conhecimento e de compreensão do mundo. Agir sem conhecer o mundo sobre o qual se está agindo, nas palavras de Freire, acaba reduzindo a prática social a um puro ativismo, a algo que compreendemos como mais próximo à ação meramente estimulada pelo mundo – dos animais não racionais – do que ao fazer humano através do qual se deu a evolução e a diferenciação entre o humano e o restante na natureza.

Da mesma forma, estão presentes na escrita de Freire as leis universais da dialética, como expostas por Cheptulin (2004). O autor compreende que, no Materialismo Dialético, tudo o que há está em constante movimento, está *sendo*, está se modificando, muito embora este movimento possa não ser aparente. A relação dos contrários – a contradição – determina o movimento interno do fenômeno material, suas alterações não aparentes, de modo que lhe possibilite, em um dado estágio de seu desenvolvimento, tornar-se uma nova unidade, assumir uma nova forma, enfim, transformar-se.

Este eterno vir-a-ser da matéria, encerrado na *Lei Universal da Unidade e da Luta dos Contrários*, justamente por seu caráter universal, se manifesta em todas as formações materiais, inclusive no ser humano. (CHEPTULIN, 2004). Quando Freire nos fala que somos seres inconclusos, dotados de múltiplas possibilidades, de um infundável vir-a-ser, Freire está objetivando em sua fala um saber sedimentado sobre esta lei universal, que nos diz que tudo está em constante transformação.

A matéria – objeto, fenômeno, processo –. porque dotada de constante movimento interno, passa por alterações quantitativas dificilmente perceptíveis – alterações de seu conteúdo. Estas alterações quantitativas determinam o desenvolvimento interno do fenômeno até

que, em certo grau deste desenvolvimento, a forma do fenômeno – sua aparência – já não condiz com sua essência. É neste momento do processo evolutivo, que dada formação material deixa de ser uma coisa – de ter uma determinada qualidade de coisa – e sofre um salto qualitativo, passando a ter uma outra qualidade, passando a ser uma outra coisa.

Isto é o que, no Materialismo Dialético, chama-se *Lei Universal da Passagem da Quantidade para a Qualidade*. (CHEPTULIN, 2004). Vejamos a aplicação de seu postulado nos escritos de Freire: Em seu processo de vir-a-ser, os homens deparam-se com certas situações que impõem limites impeditivos sobre este vir-a-ser; o movimento interno do fenômeno material social fica, assim, limitado pelo que Freire chamou de *situação-limite*. A consciência dos homens a respeito de seu fazer sobre o mundo – e com o mundo – permite-lhes conhecer a situação-limite em sua essência, conhecer os fundamentos e as leis que sobre ela operam.

Coloca-nos Freire que

[...] não são as situações limites, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham dela num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das situações limites. (2005, p. 105).

A consciência sobre a situação-limite, portanto, é o que torna possível aos homens o agir para transcendê-la, para transformar o fenômeno material-social noutro, fenômeno material-social qualitativamente distinto. Através do que Freire chamou de *ato-limite*, os seres humanos provocam alterações quantitativas no fenômeno material-social –, em seu conteúdo – de forma a criar as condições necessárias para modificar sua forma, para provocar um salto qualitativo.

O produto desta ação consciente é o que Freire denominou de *inédito viável*, que nada mais é do que um novo fenômeno que surgiu através do salto qualitativo originado pelas mudanças quantitativas, que ocorreram no interior do fenômeno originário. A práxis humana é, neste sentido, a ação consciente, no interior do fenômeno material-social, com vistas a reunir as condições adequadas para que o fenômeno venha a se transformar noutro.

É preciso, ainda, localizar, na escrita de Freire, a terceira e última lei universal da dialética, a de *Lei da Negação da Negação*. (CHEPTULIN, 2004). Nos coloca Freire que, uma vez superada uma certa situação-limite, outras surgirão, provocando outros atos-limite. O ato-limite se configura, assim, como negação da situação-limite; ao surgir nova situação-limite, será necessária outra negação, outro ato-limite. Neste caso, o segundo ato-limite, como negação do resultado do primeiro, é negação também do primeiro, ou seja, é negação da negação.

Por fim, é importante considerar como a categoria da *totalidade* aparece na obra de Freire. Para o Materialismo Dialético a totalidade, enquanto categoria filosófica, abrange o contexto do fenômeno, o conjunto de suas contradições internas e sua relação com as contradições externas (estas, portanto, internas a outros fenômenos que com ele se relacionam). É a unidade das contradições internas e externas do fenômeno, o efeito necessário de seu movimento interno e de suas relações externas (KOSIK, 1995), é o complexo de complexos que nos aponta Lukács (2013), pois é a unidade que encerra em si outras unidades que determinam a forma particular de sua existência objetiva.

Como unidade concreta de diversos fenômenos – ou de totalidades de menor complexidade –, é dotada de movimento (do movimento originado nos fenômenos, processos e coisas que o determinam). A totalidade, entretanto, não é um fenômeno em si, mas uma representação, uma abstração altamente elaborada, que jamais se restringirá ao concreto meramente sensível, mas representa suas contradições internas, seu movimento, suas leis e fundamentos, suas relações. É a mais completa e profunda abstração sobre o fenômeno material.

A este respeito, coloca-nos Freire que “a investigação se fará tão mais pedagógica quanto mais crítica, e tão mais crítica quanto mais [...] se fixe na compreensão da totalidade”. (2005, p. 116). Compreender a totalidade, assim, é compreender a relação das partes com o todo, as leis de seu movimento, isolando o fenômeno de forma abstrata e decompondo-o no mundo das ideias, interpretando-o e compreendendo-o de forma que seja possível descrever suas múltiplas determinações.

Materialismo dialético enquanto método de pesquisa em Freire

O diálogo aparece como categoria fundamental na escrita de Paulo Freire, é elemento constitutivo do agir humano orientado para a

libertação, para a emancipação. A pesquisa, vista por um olhar freireano, é uma forma de diálogo, é o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, diálogo com intencionalidades políticas, mediatizado pelo mundo e motivado pelo fenômeno de pesquisa, e a práxis – a prática social, a materialidade do mundo e a objetividade da vida – é o critério de verdade de toda a pesquisa. A práxis dos sujeitos é o critério de verdade do seu agir, porque não é no discurso que se infere o agir do sujeito, não é no discurso que ele se constitui, não está no discurso a chave de sua ontologia, mas sim no fazer humano, na práxis social, no trabalho, nas mediações com os outros homens e com a natureza.

A pesquisa, neste sentido, busca a representação subjetiva de uma práxis, de uma realidade objetiva – como ela é, não como ela aparenta ser –, pela crítica transformadora, por meio da qual se busca produzir uma consciência transformadora, uma consciência *para si*, para a libertação, para a emancipação, para a superação das relações opressivas.

Freire nos diz que

a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (2005, p. 90).

Enuncia, assim, o processo dialético no qual o sujeito modifica o mundo à medida que consegue compreendê-lo da forma mais aproximada possível (no que Freire chamou de pronúncia verdadeira do mundo), e a prática social que o modifica produz para além da modificação, produz também uma nova compreensão – usando palavras de Freire, produz uma nova pronúncia do mundo – e, a partir desta, a exigência de uma nova prática, que irá gerar uma nova modificação, em um movimento infinito, em que um estágio qualitativo do fenômeno é consequência de sua qualidade imediatamente anterior, e será causa de sua qualidade posterior.

Estão contidos nesta simples afirmação de Freire aspectos fundamentais do Materialismo Dialético: a existência da matéria fora e independentemente da consciência, sua transformação pela prática humana, a transformação do próprio humano nesta prática, o movimento

infinito da matéria, a lei dos saltos qualitativos e, sobretudo, o devir histórico do existir humanamente, que é modificar o mundo pela ação consciente e coletiva, modificando a si próprio no processo.

Eis, portanto, a missão histórica do ser humano: realizar o seu *vir-a-ser* em mediação com o mundo, modificando o mundo e modificando-se com o mundo. Este agir é chamado de trabalho, atividade vital do ser humano, chave de seu desenvolvimento, a ação consciente sobre a natureza, com fins de modificá-la em prol de suprir as condições necessárias à existência humana.

Sendo a missão histórica do ser humano transformar a realidade em prol de si, e transformar a si próprio no processo, desenvolver a consciência e a linguagem através das mediações sociais decorrentes do trabalho, o ato de transformar o mundo e de compreendê-lo no processo de sua transformação acaba sendo, necessariamente, um ato social, coletivo, que não deve significar ação de um sobre o outro, de um para o outro, mas sim de um com o outro – e com todos os outros –, de forma verdadeiramente dialógica, sem opressores ou oprimidos.

De outra forma, como temos entendido, não é possível produzir mediações que sejam capazes de satisfazer as necessidades do ser humano enquanto ser genérico, ou seja, da humanidade enquanto totalidade, mas apenas de certos grupos sociais, em geral, minoritários em sua expressividade quantitativa, mas hegemônicos em seu poder político e econômico. Por tal motivo, as relações que caracterizam o Modo de Produção Capitalista são, por sua própria natureza, relações antidialógicas.

A Luta de Classes – contradição essencial das mediações que produzem a sociedade capitalista – é a luta pela possibilidade de realização do *vir-a-ser* humano e, em última análise, é a luta pela capacidade de mobilização e de organização das classes populares contra a hegemonia do Capital, que se traduz na tensão em que um dos polos – o opressor – não quer a compreensão autêntica do mundo, e o outro polo – o revolucionário – quer que a compreensão autêntica do mundo se materialize enquanto possibilidade real para todos. Trata-se da luta pela consciência de classe do proletariado. (LUKÁCS, 2003).

A luta entre a burguesia e o proletariado, assim, é a luta pelo direito de compreender o mundo (de pronunciá-lo de forma autêntica, como apontado por Freire), de modo que seja possível transformá-lo. A pronúncia autêntica do mundo é a crítica – pois diz o que é, não o que parece ser – e porque crítica, também é revolucionária –, pois ao perceber

a real opressão que há sobre si, espera-se que a classe trabalhadora seja capaz de desenvolver uma consciência revolucionária. (LUKÁCS, 2003).

Em consonância, aponta-nos Freire:

Esta é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e aos que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados do direito primordial de dizer a palavra, reconquistem este direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. (2005, p. 91).

O pesquisador compromissado com a produção de saberes autênticos, de saberes para a classe trabalhadora, será o pesquisador que, em seu fazer – em sua práxis, em sua pronúncia do mundo –, se move por princípios dialógicos, pelos princípios do diálogo que Freire aponta: o amor ao mundo e aos homens, a humildade, a fé nos homens, a confiança, a esperança e o pensar crítico.

Deste modo, tendo a emancipação humana como elemento referencial da prática social, o fazer pesquisa é um fazer dialógico desde a identificação do fenômeno de pesquisa, da enunciação do problema, dos objetivos, tendo seu ápice dialógico na interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, o que irá conduzir a encaminhamentos necessariamente comprometidos com o agir consciente do homem sobre o mundo e com o mundo.

O problema de pesquisa, em uma concepção emancipatória, irá se ocupar de como os sujeitos estão representando, em sua consciência, a realidade material-social que os circunda. Será sempre uma questão ligada às contradições internas da realidade na qual o sujeito está, e à forma como os sujeitos representam – compreendem, em sua subjetividade – estas contradições.

Comumente, portanto, iremos encontrar problemas de pesquisa – em pesquisas de cunho dialógico, emancipatório – cujo enunciado envolve “as representações de determinado grupo acerca de dado fenômeno material-social”, ou “as contradições da prática social de

determinado grupo” ou, ainda, “as contradições de determinado fenômeno e suas implicações sobre determinado grupo”.

A partir de um olhar freireano, o problema de pesquisa irá enunciar a inquietação do pesquisador com a pronúncia de mundo (a compreensão da realidade) de determinado grupo, relacionada a um dado fenômeno material-social. Daí a importância de um problema de pesquisa bem-delimitado, bem-enunciado: é em torno da pergunta que se dará o diálogo.

A pesquisa, como prática autêntica de libertação, assim como a educação autêntica, não pode ser feita de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados por uma certa condição material-social ou, como pronunciava Freire, mediatizados pelo mundo. Nesta perspectiva, o objetivo da pesquisa, portanto, jamais poderá ser outro que não contribuir para que os sujeitos da pesquisa desenvolvam a possibilidade de pronunciar a palavra autêntica, desenvolvam consciência a respeito do contexto material-social em que se encontram, na totalidade de suas relações e determinações; não no engodo aparente que o Modo de Produção Capitalista quer que ele creia, mas na realidade crítica – verdadeira – que o impelirá, espera-se, à ação revolucionária.

Nos diz Freire que “quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais a uma realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores”. (2005, p. 98). O pesquisador que se quer libertador, agente de um processo de mudança – não de mera reforma – não pode, portanto, agir de forma prescritiva, receitando aos sujeitos da pesquisa aquilo que ele julga adequado, segundo sua compreensão particular, mas, ao invés disso, é desafio e dever histórico desta natureza de pesquisador conhecer dialogicamente a realidade dos sujeitos da pesquisa enquanto totalidade e, desta compreensão, descobrir junto com os sujeitos quais são as condições necessárias para transformar a realidade em um sentido a eles favorável, de transcender o que Freire chama de *situação-limite*.

A prática do diálogo na Educação, que aqui transpomos para a prática do diálogo na pesquisa, será sempre uma ação humanizadora, nunca uma ação de conquista, de subjugo, mas de libertação. Alerta-nos Freire para os riscos da arrogância de nossa prática, no afã de obter a adesão do povo à ação revolucionária,

acercam-se das massas camponesas ou urbanas com projetos que podem corresponder à sua visão de mundo, mas não necessariamente à do povo. Esquecem-se de que o seu objetivo fundamental é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada, e não conquistar o povo. Este verbo não deve caber na sua linguagem, mas na do dominador. Ao revolucionário cabe libertar e libertar-se com o povo, não conquistá-lo. (2005, p. 98).

Destaca Freire, acerca dos motivos de um trabalho verdadeiramente libertador:

Afinal, o empenho dos humanistas não pode ser o de opor os seus slogans aos dos opressores, tendo como intermediários os oprimidos, como se fossem “hospedeiros” dos slogans de uns e de outros. O empenho dos humanistas, pelo contrário, está em que os oprimidos tomem consciência de que, pelo fato mesmo de que estão sendo “hospedeiros” dos opressores, como seres duais, não estão podendo ser. (2005, p. 99).

E complementa:

Esta prática implica, por isto mesmo, que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem “salvadora”, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão. (FREIRE, 2005, p. 99).

Freire encerra, a nosso ver, o objetivo último do fazer revolucionário, referindo-se ao diálogo enquanto fazer pedagógico, que aqui transpomos à prática de pesquisa, como o ato de “devolução organizada, sistematizada e acrescentada, ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”. (2005, p. 97).

Os resultados da pesquisa, portanto, como já referimos, jamais poderão ser prescritivos, mas indicativos de necessidades conhecidas por meio do diálogo; indicação da necessidade de certas condições, a partir das quais os sujeitos poderão realizar o seu vir-a-ser-mais, transcendendo sua situação-limite por meio de sua compreensão de mundo e de sua

práxis revolucionária, por meio do que Freire chamou, em sua *Pedagogia do oprimido*, de *ato-limite*.

Partindo da compreensão de mundo exposta na primeira parte deste ensaio, e dos princípios tratados na segunda parte, cabe pensarmos a metodologia – a lógica do método – através da qual o pesquisador, segundo apontado por Freire, enfrenta o fenômeno de pesquisa e o apreende, como dele toma consciência enquanto totalidade.

Esta metodologia fica clara na descrição, em *Pedagogia do Oprimido*, de como o educador investiga os temas geradores, de como ele, no diálogo com os educandos, consegue decodificar as *temáticas significativas*, de forma a ter acesso aos elementos constitutivos das situações-limite dos educandos. A investigação destas temáticas será, portanto, a “investigação do próprio pensar do povo [...], que não se dá fora dos homens, ou em um homem só, ou no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade”. (2005, p. 117).

A investigação, assim, se inicia como aproximação entre o pesquisador e seus sujeitos de pesquisa, através de uma observação *simpática e compreensiva*, como nomeado por Freire, que no processo da pesquisa, se tornará um olhar crítico sobre a totalidade das relações constitutivas da essência do fenômeno que se quer estudar. O fenômeno de pesquisa é, assim, compreendido como uma codificação – um concreto aparente que encerra em si uma totalidade, e apresenta-se ao pesquisador como uma unidade.

O fenômeno de pesquisa, enquanto concreto sensível, enquanto objeto cognoscível, está portanto, codificado. É necessário, para conhecer o fenômeno, descodificá-lo, decompô-lo nas partes e nas relações entre as partes constitutivas de sua totalidade, para, assim, ir “ampliando a compreensão dela, na interação de suas partes. (FREIRE, 2005, p. 121). Esta decomposição feita pelo pesquisador, no processo de análise das contradições que determinam o movimento interno do fenômeno, da relação de suas partes constitutivas, “se retotaliza e se oferece aos investigadores a uma nova análise”. (2005, p. 123).

Surge, assim, não como uma nova totalidade, mas como uma compreensão mais elaborada da totalidade, que se prestará a uma nova decomposição, e a uma nova recomposição em um grau superior de cognoscência. É neste sentido que nos diz Freire que “o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho, e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado por outro amanhã” (1996, p. 28) ao passo que “o velho

que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo”. (1996, p. 35).

Decodificar o fenômeno é percebê-lo e, posteriormente, conhecê-lo em um dado nível de elaboração, de abstração, enquanto nova codificação, em um refazer que corresponderá ao nível de desenvolvimento das possibilidades de abstração dos sujeitos decodificadores, ao que Freire chamou de *consciência máxima possível*.

O resultado da pesquisa é, portanto, a consciência máxima possível que o pesquisador, em um dado momento histórico, é capaz de desenvolver a respeito de seu fenômeno de pesquisa. É o nível de abstração possível ao pesquisador, compatível com o nível particular de seu próprio desenvolvimento intelectual.

Referências

- CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.
- ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 27-44.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, Georg. *Para uma ontologia do ser social – Livro II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: M. Fontes, 1993.

Submetido em 29 de abril de 2013.
Aprovado em 25 de fevereiro de 2014.